



L'AMOUR, LA FANTASIA, DE ASSIA DJEBAR: LETRAMENTO LITERÁRIO DE RESISTÊNCIA FEMININA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE FLE

Maria Rennally Soares da Silva

Universidade Federal de Campina Grande – rennally.fr@hotmail.com

Orientadora: Josilene Pinheiro-Mariz

Universidade Federal de Campina Grande – jsmariz22@hotmail.com

Resumo: Considerando a importância do letramento literário para a formação do pensamento crítico do professor em formação inicial, neste trabalho, sugerimos o abandono da concepção de letramento de *enfoque autônomo*, que compreende esse processo como algo independente do contexto social, para aderir ao letramento de *enfoque ideológico*, que concebe as práticas de letramento como sendo associadas às práticas culturais diversas, ligadas à leitura e à escrita, nos vários contextos da vida cotidiana (ROJO, 2009). Assim, olhando pelo prisma ideológico, queremos destacar, no presente trabalho, a produção literária da escritora e historiadora argelina Assia Djebar, que retrata realidades específicas vivenciadas durante o período no qual a Argélia (norte do continente africano), vivia sob o peso da colonização francesa. Nestas reflexões, temos como objetivo enfatizar as operações de resistência e de transgressão feminina, presentes na produção literária de Assia Djebar, tendo como corpus alguns dados colhidos durante uma experiência de leitura literária da referida obra, em uma turma de professores de FLE (Francês como Língua Estrangeira) em formação inicial, bem como determinados excertos do romance *L'amour, la Fantasia*. A nossa pesquisa, de características descritiva e interpretativista, traz como resultados, a identificação da escritora Assia Djebar como porta-voz da mulher daquela região da África, destacando a presença de traços discursivos que revelam a forma como a autora retrata a si mesma e, também, às mulheres árabes nas sociedades africanas ao norte do Saara, através dos personagens femininos, buscando, pois, a liberdade de ser e de existir.

Palavras-chave: Letramento literário, Assia Djebar, *L'amour, la Fantasia*, Formação inicial, FLE.

Introdução

Em um diálogo informal com uma amiga, professora em formação inicial do curso de geografia (licenciatura), conversando um pouco sobre um dos temas mais discutidos nas áreas de Letras e de Pedagogia: conceitos e noções de letramentos, foi preciso situar, para ela, o que seria letramento – o que causou certo estranhamento *a priori*, pois, os estudos em torno desse tema oferecem importantes contribuições para o fazer pedagógico do professor, independentemente de qual área do conhecimento se trate; assim, um curso de formação de professores não oferecer essas noções, tão ancoradas na ideologia paulo-freiriana, destoa um pouco do que é esperado – ; foram



expostos alguns exemplos e, em seguida foi lido, para ela, o poema O que é letramento?, de Kate M. Chong (SOARES, 2003), escrito em 1996, por uma estudante norte-americana, de origem asiática. Ao que ela retrucou: “Nunca me emocionei tanto... Imagina o quanto o letramento é delicado. O quanto ele afeta a vida da gente. Caramba! É daqueles textos que eu colo na parede do meu quarto.”

Ao ouvir a sua resposta, a reflexão sobre “o quanto [o letramento] afeta a vida da gente”, foi inevitável; a gente, enquanto indivíduos responsáveis pela formação educacional de outras pessoas. Essa e tantas outras conversas, formais ou informais, nos levaram a pensar sobre o quão as noções sobre letramento alargam a visão do professor em formação inicial. São óculos que permitem enxergar o aluno além das primeiras impressões e, por consequência, oferecem possibilidades de inclusão dentro da sala de aula. Mas, afinal, o que é letramento? Quais são as contribuições do letramento literário para o ensino/aprendizagem do FLE (doravante Francês como Língua Estrangeira)? Esses rios podem confluír?

“Imagina o quanto letramento é delicado! ”. Essa conclusão advinda das primeiras impressões de uma professora em formação inicial, na conversa informal supracitada, transparece o quão complexa pode ser a compreensão sobre esse tema. Além disso, o conceito de letramento pode variar segundo as condições socioculturais e ideológicas da época (ROJO, 2009). Aqui, destacaremos dois eixos de compreensão em torno do tema, aferidos em momentos históricos distintos: o letramento de enfoque *autônomo* e o de enfoque *ideológico*.

Assim, considerando a importância do letramento literário (ancorado no prisma ideológico) para a formação do pensamento crítico do professor em formação inicial, queremos destacar, no presente trabalho, a produção literária da escritora e historiadora argelina Assia Djebar, que retrata realidades específicas vivenciadas durante o período no qual a Argélia, importante região situada ao norte do continente africano, vivia sob o peso da colonização francesa. Essa escritora é, por certo, a principal porta-voz da mulher árabe, cuja obra literária denuncia a situação de dupla subalternidade vivida pelas mulheres dessa região.

Nesse contexto, dentre tantas situações conflituosas, voltamos o nosso olhar para a resistência feminina, uma vez que lhe foi imposto um comportamento de silenciamento, resultando em um lugar de discriminação e inferioridade em relação ao homem. Nestas reflexões, temos como objetivo enfatizar as operações de resistência e de transgressão presentes na produção literária de Assia Djebar, tendo como corpus alguns dados colhidos através de questionários semiestruturados, referentes à *Primeira parte* do romance *L'amour, la Fantasia*, durante uma experiência de leitura da



referida obra literária, em uma turma de professores de FLE (Francês como Língua Estrangeira) em formação inicial (licenciatura), bem como determinados excertos do referido romance, uma vez que essa obra representa um dos reflexos de uma história de engajamento sócio-político, fazendo de sua autora uma das mais importantes produções francófonas da literatura contemporânea.

Nesse romance, a narradora da história vive um conflito com a sua própria identidade, pois, o seu país delega às mulheres uma cultura de silêncios (BRAHIMI, 2001). A nossa pesquisa, de características descritiva e interpretativista, configurando-se, portanto, em uma análise literária, traz como resultados, a identificação da escritora Assia Djebar como porta-voz da mulher daquela região da África, destacando a presença de traços discursivos que revelam a forma como a autora retrata a si mesma e, também, às mulheres árabes nas sociedades africanas ao norte do Saara, através dos personagens femininos, buscando, pois, a liberdade de ser e de existir.

1. Noções acerca do letramento de enfoque ideológico

Firmado no termo *literacy*, o primeiro dos eixos supracitados, que dá um enfoque *autônomo* ao conceito de letramento, opera uma aproximação entre a concepção de letramento e o domínio da tecnologia escrita, afastando-se, portanto, da noção que prevalecia no século XIX, tendo como letrado alguém que possui um erudito refinamento literário e cognitivo. Assim, o letramento passa a assinalar a habilidade de ler e de escrever, para promover a integração de cada indivíduo a uma sociedade, funcionando, portanto, como uma forma de “manter o que antes era o desenvolvimento industrial e hoje é tecnológico” (COSSON; PAULINO, 2009, p. 64). Tal concepção aproxima-se da noção de alfabetização funcional. Contudo, acreditamos que letramento não se resume à preocupação de alfabetizar um indivíduo.

Assim, o segundo eixo de compreensão, consolidado a partir do novo conjunto de conceitos de Brien Street, os *Novos Estudos de Letramento* (1984 apud ROJO, 2009), põe em questão discussões sobre o supracitado letramento de enfoque autônomo, em contraposição ao de enfoque *ideológico*. A partir desses estudos, o letramento deixa de ser relacionado à habilidade individual de ler e escrever, para ser visto como um conjunto de ações e práticas sociais, mediadas por textos escritos.

O enfoque autônomo compreende o letramento como algo independente do contexto social. Assim, apenas o contato escolar já é suficiente para que o aluno aprenda habilidades para o seu desenvolvimento alfabético. Por outro lado, o prisma ideológico concebe as práticas de



letramento como sendo “ligadas a estruturas culturais e de poder da sociedade e reconhece a variedade de práticas culturais associadas à leitura e à escrita em diferentes contextos.” (ROJO, 2009, p. 99). Desse ponto de vista, a noção de letramento não está centrada em um conjunto de habilidades individuais, mas, sim, em um conjunto de “usos e práticas sociais da linguagem, que envolvem a escrita, valorizadas ou não, locais ou globais, em contextos sociais diversos.” (ROJO, 2009, p. 98), considerando, pois, as famílias, as ruas, as igrejas, os ambientes profissionais, as mídias etc., como importantes agências de letramento, que realizam eventos diferentes daqueles vivenciados na escola ou na academia.

Com o advento da globalização, o uso das novas tecnologias de informação e comunicação trouxeram para a sala de aula novas práticas envolvendo textos de diversas esferas sociais. Diante da diversidade de letramentos e práticas que envolvem o uso da escrita, não se pode mais falar em letramento, no singular, mas, sim, segundo Rojo (2009), em multiletramentos. Inclusive, Cosson e Paulino (2009) sugerem que se troque o termo “texto impresso” por outros tipos de texto, a saber: “pintura, filmes, TV, computador, telecomunicação, para se obter letramentos cinematográfico, pictórico, computacional, literário etc.” (COSSON; PAULINO, 2009, p. 65).

Desde a década de 1990, com a ampliação do acesso à escola pública, o ingresso das classes populares contribuiu para que estivessem presentes, na sala de aula, o que podemos classificar como letramentos vernaculares, em oposição aos dominantes. Os letramentos dominantes seriam aqueles controlados institucionalmente pela escola, igreja, ambiente de trabalho, comércio etc. e compreendem determinados agentes, tais como professores, padres, pastores, especialistas etc.

Assim, de um modo geral, os letramentos vernaculares, ancorados sob o prisma ideológico, têm origem na vida cotidiana e são, frequentemente, “desprezados ou desvalorizados pela cultura oficial” (ROJO, 2009, p. 102). Na realidade da difusão de cultura de massa, o cerne dominante é sempre “o ocidente, o branco, o masculino, o hétero, o norte-americano” (ROJO, 2009, p. 102). Partindo do pressuposto ideológico, podemos pensar em um letramento crítico que compreenda a inclusão dos discursos que são postos à margem ou ignorados dentro da esfera acadêmica. Por vezes, os discursos marginalizados são aqueles que representam práticas de resistência diante da luta de minorias. Minorias que lutam pela igualdade social, racial, étnica, de gênero ou por tantas outras causas ainda não resolvidas em nosso país. Assim, o olhar ideológico que inclua a formação do pensamento crítico, pondo em voga os letramentos vernaculares, parece ser bem mais democrática e igualitária do que a noção autônoma e individualista acerca das práticas de letramento.



2. O letramento literário de resistência feminina em aula de LE

Diante do exposto, o letramento literário parece se inscrever como peça fundamental, perante essa necessidade de um letramento que estimule a criticidade do indivíduo, provocando-o a construir sentidos e a se engajar com o mundo em que vive, a partir do prisma ideológico, de forma a mobilizar os conhecimentos vernaculares do aprendiz. Cosson e Paulino (2009) situam o letramento literário como sendo um “processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” que “se renova a cada leitura” (p. 67). Processo esse, que deve permanecer em constante crescimento e transformação, haja vista que não é uma habilidade a se adquirir, mas, sim, um processo contínuo de apropriação. A construção de sentidos acontece, à medida em que as condições e os interesses do leitor, somados ao que está dito, podem proporcionar diferentes leituras para um mesmo texto (COSSON; PAULINO, 2009).

A literatura se situa no seio do ensino de LE, como um caminho que favorece o processo de ensino/aprendizagem da língua estrangeira, pois, aproxima o aprendiz do universo da escrita, além de educar os sentimentos e proporcionar o entendimento das relações estabelecidas socialmente. Assim, o universo literário particular de cada leitor, pode provocar a necessidade da “construção, manutenção e transformação de sua comunidade (COSSON; PAULINO, 2009, p. 68).

Dois procedimentos inerentes ao processo de apropriação do texto literário, ligam o aprendiz de uma língua estrangeira ao processo de construção de significados, tanto pelo caminho linguístico, quanto pelo caminho ideológico e subjetivo. O primeiro desses procedimentos, é a interação verbal, na qual, através da leitura e da escrita, o indivíduo se desliga do mundo exterior para conseguir recriá-lo, por meio da literariedade; que, por sua vez, é composta por três elementos que interagem entre si: variações narrativas, desfamiliarizações (desligamentos e distanciamentos do mundo exterior) e transformações reinterpretativas (MIALL; KUILLEN, 1999, apud COSSON; PAULINO, 2009). O segundo procedimento opera o reconhecimento do outro, oferecendo ao indivíduo a possibilidade de construir e desconstruir, transformar e recriar a si mesmo e à sociedade que o cerca.

O caminho de recriação do mundo que nos cerca, sugerido e viabilizado pela literatura, nos permite recordar uma das maiores dívidas que a Europa possui para com o continente africano. No final do século XIX, o Magrebe (região noroeste da África: Marrocos, Argélia, Tunísia, Mauritânia e Líbia), tornou-se o terreno de caça do império francês, que por sua vez, a preço do sangue do povo



magrebino e sob a força da violência, colonizou os povos dessa região, impondo assim, a sua cultura e a língua francesa como idioma oficial do local (SOARES, 1990).

A produção literária da época retratou esta situação, a partir de escritores/as magrebinos/nas que produziram textos em língua francesa – idioma que representava uma ligação com o resto do mundo –. Esse quadro se configurou em um grito de socorro e em uma exposição de denúncias e de revoltas, tanto no período da conflituosa colonização dos povos magrebinos, quanto diante da situação pós-colonial – da aparente liberdade alcançada pelos alguns países dessa região.

No contexto pós-colonial, diversas obras magrebinas da literatura francófona tratam da problemática do lugar outorgado à mulher em meio a uma situação social que a discrimina e a põe à margem nas sociedades africanas. Questão essa que é, concomitantemente, tão antiga tão atual.

Desde a antiguidade, até os dias de hoje, a mulher é submetida a bárbaros atos de violência. Em Bangladesh, mulheres são atacadas com jatos de ácido no rosto; normalmente, as vítimas são aquelas que se recusam a casamentos arranjados, à clausura ou a investidas sexuais da parte de seus maridos ou pais. No Afeganistão, a mulher que se recusa a usar um vestido longo com carapuça, é apedrejada em praça pública. Em vários países africanos, mais de 2 milhões de mulheres jovens e adultas sofrem mutilações genitais (ESPINOLA, 2000).

Diante dessa situação de opressão e de silenciamento a que a mulher é condicionada nas sociedades africanas, a literatura se constitui em um espaço para se fazer ouvir a voz da mulher árabe-muçulmana. Portanto, chamamos atenção para a escritora e também cineasta argelina, Assia Djebar, cuja obra artística compreende desde romances, novelas, poemas, ensaios, até peças de teatro e de cinema. Djebar expressou em suas produções a temática central da emancipação feminina e a situação conflituosa da Argélia na época da colonização. Ela é tida como uma das mais influentes personalidades da literatura feminina do Magrebe; uma verdadeira porta-voz da mulher, mediante o silêncio a que foi condicionada a mulher árabe-muçulmana, através da literatura.

3. *L'amour, la Fantasia*, de Assia Djebar: letramento literário de resistência feminina em aula de FLE

O romance autobiográfico *L'amour, la Fantasia* vem reescrever a história da Argélia, bem como a de sua autora, Assia Djebar, através da narrativa de vivências e memórias presentes nas vozes de mulheres (personagens) argelinas. Se trata de histórias de amor, de dores e, principalmente, de luta e resistência, que contam essas mulheres, expressando a subjetividade



feminina diante do período conflituoso da colonização (contexto histórico do enredo) e também da pós-colonização (contexto da publicação da obra). Para a realização dessa pesquisa, foi realizada uma experiência de leitura literária da referida obra, com uma turma de professores de FLE em formação inicial (licenciatura), com o total de 5 sujeitos participantes. As intervenções se deram a partir da elaboração de questionários semiestruturados e inclusos em uma sequência didática planejada para a duração de 6 encontros, cada um contendo 3 horas de trocas e de discussões.

O presente romance está capitularmente dividido pela própria autora em três partes. A *Première partie*, por sua vez, intitulada “La prise de la ville ou *L’amour s’écrit*” – cujos termos podemos traduzir como “A tomada da cidade, ou *O amor se escreve*”; contudo, outra tradução possível é: *O amor se grita*, se levarmos em conta o efeito de ambiguidade de sentido causada pela pronúncia das palavras *s’écrit*, que pode ser entendida como *se escreve* ou *se grita*, segundo o contexto, ou, segundo a intenção interpretativa. Essa primeira parte está subdividida em dez (10) blocos (DJE BAR, 1985, p. 9 - 70). A *Deuxième partie* tem como título: *Les cris de la Fantasia* (os gritos da Fantasia), subdividida em oito (8) blocos (DJE BAR, 1985, p. 71-158). Por fim, a *Troisième partie*, intitulada: *Les voix ensevelies* (As vozes sepultadas), partilhada em cinco (5) movimentos, contendo seis (6) divisões cada uma.

Olharemos, de modo mais detido, para as resistências e transgressões operadas na *Primeira parte* do romance. Abaixo, elencamos as subdivisões em ordem alfabética (para melhor referência), conforme os títulos se apresentam no sumário:

- a) **Fillete arabe allant pour la première fois à l’école¹**
- b) I
- c) **Trois jeunes filles cloîtrées...**
- d) II
- e) **La fille du gendarme français...**
- f) III
- g) **Mon père écrit à ma mère**
- h) IV
- i) *Biffure*

(DJE BAR, 1985, p. 315. Grifo nosso.)

Nos blocos b, d, f e h, acima sinalizados, intituladas por algarismos romanos (I, II, III e IV), encontramos testemunhos históricos referentes à invasão francesa em terras argelinas, com riqueza de detalhes. Durante a invasão, alguns escribas profissionais franceses foram designados

¹ Traduções nossas: a) Menina árabe indo pela primeira vez à escola; c) Três jovens meninas enclausuradas; e) A filha do guarda francês; g) Meu pai escreve à minha mãe; i) Rasuras.



para escrever/registrar a “conquista” do território argelino; e o fizeram, claro, a partir do ponto de vista do colonizador. Um desses encarregados de realizar registros escritos sobre a colonização, J. T. Merle, proclama palavras eufóricas e entusiasmadas, diante da chegada de uma máquina impressora, por ele solicitada, para divulgar amplamente as “vitórias” dos colonizadores; fato que teria como resultado, segundo ele, gritos aclamatórios para exaltar a França. Portanto, as mortes e opressões realizadas foram enxergadas, pelos franceses, como motivo de aclamação e de vitória.

Diante deste contexto de exaltação da cultura do colonizador e da opressão vivenciada pelos povos argelinos, a narradora-personagem, em sua vivência adulta, transgrede as convenções socialmente aceitas e retorna às suas memórias de infância como uma “visitante inoportuna” (DJE BAR, 1985, p. 17), em uma tentativa de compreender o passado, no qual as mulheres da cidade argelina onde habitou, possuíam sonhos de amor que apenas se acendiam e nunca se realizavam, ou que se apagavam para sempre, conforme o trecho:

Nesta aurora da dupla descoberta, que se dizem as mulheres da cidade, quais sonhos de amor nelas se acendem, ou se apagam para sempre, enquanto elas contemplam a frota real que desenha as figuras de uma coreografia misteriosa? ... Eu sonho com essa breve treva de todos os começos; me insinuo, visitante inoportuna, no vestibulo desse passado próximo, elevando as minhas sandálias segundo o rito habitual, suspendendo minha respiração para tentar ouvir tudo, outra vez... (DJE BAR, 1985, p. 17).²

Nessa tentativa de ouvir os “gritos sem voz” (DJE BAR, 1985, p. 12) dessas mulheres, cujos sonhos de amor se perdem na poeira do deserto, identificamos algumas operações de resistência ao silenciamento imposto às mulheres árabes, bem como transgressões, no que diz respeito ao mínimo espaço dado a essas mulheres. Para tanto, a narradora anuncia, no bloco **a**: “eu cortei as amarras” (DJE BAR, 1985, p. 12). O ato de cortar as amarras que prendem a mulher argelina representa, por si só, um ato de transgressão, no qual se permite que ela tenha voz e possa expressar-se livremente, assim como o homem também o faz, afinal, a pertinente indagação de Rocca (2000) faz todo sentido: “o que pode valer a existência sem a possibilidade de exprimir seus desejos? (DJE BAR, 1985, p. 12).

No bloco **c**, nos deparamos com um dos momentos culminantes do romance, em meio à vivência de três irmãs que vivem enclausuradas em uma mansão, no Sahel argelino, amigas íntimas

² En cette aurore de la double découverte, que se disent les femmes de la ville, quels rêves d’amour s’allument en elles, ou s’éteignent à jamais, tandis qu’elles contemplent la flotte royale qui dessine les figures d’une chorégraphie mystérieuse ? ... Je rêve à cette brève trêve de tous les commencements ; je m’insinue, visiteuse importune, dans le vestibule de ce proche passé, enlevant mes sandales selon le rite habituel, suspendant mon souffle pour tenter de tout réentendre... (DJE BAR, 1985, p. 17).



da narradora-personagem. O marasmo cotidiano da vida dessas três irmãs foi rompido, a partir do momento em que elas, em uma atitude de transgressão às regras de proibição da social, adentram na “biblioteca proibida” do irmão (DJEBAR, 1985, p. 20) e realizam um ato que, caso fosse descoberto, seria tratado como um grandioso escândalo, conforme o trecho:

No curso desse mesmo verão, a caçula e eu pudemos abrir a biblioteca – aquela do irmão ausente e que até então estava fechada com chave. (...) Em um mês, nós lemos todos os romances empilhados desordenadamente: Paul Bourget, Colette e Agatha Christie. Nós descobrimos um álbum de fotografias eróticas e, em um envelope, cartões postais de Ouled-Naïls plenos de joias, os seios nus. Outrora a severidade murmurante do irmão nos inspirava um terror cotidiano; ei-lo aqui, estranhamente presente, nessas horas opacas da sesta. Nós fechamos discretamente o armário, quando as mulheres se levantaram para a oração da tarde. Nós nos imaginamos surgir de uma região proibida; nós nos sentimos mais velhas. (DJEBAR, 1985, p. 20-21).³

Em um contexto, no qual o corpo da mulher árabe é representado sob a aparência de um “frágil fantasma” (DJEBAR, 1985, p. 19), ou seja, aquele que não possui uma realidade carnal e, por isso fica oculto debaixo de um véu, essas três irmãs se fazem existir, ser e ouvir. Mesmo sentindo que estavam imersas em uma “região proibida”, elas passaram a ler romances, debater sobre concepções e estilos de escrita (DJEBAR, 1985, p. 23) e partilhavam de um precioso segredo, o qual não podia, de modo algum, ser revelado.

Tal segredo, presente ainda no bloco c, é revelado para o leitor enfaticamente: “As jovens meninas enclausuradas **escreviam; escreviam cartas; cartas a homens;** a homens dos quatro cantos do mundo; do mundo árabe, naturalmente. ” (DJEBAR, 1985, p. 21)⁴. As marcas enunciativas: **escreviam, cartas e homens**, eram termos que não poderiam, de sobremaneira, estar ligados às mulheres argelinas. Esse segredo causou, na narradora-personagem, um profundo sentimento de medo; ela se refere ao segredo como sendo um “terrível pecado” (DJEBAR, 1985, p. 24). Ainda assim, elas liam e escreviam.

A esse respeito, um dos participantes da pesquisa destaca que os personagens femininos apresentam resistência ao não se conformarem com os casamentos arranjados e que desejam casar-

³ Au cours de ce même été, la benjamine et moi avons pu ouvrir la bibliothèque – celle du frère absent et qui jusque-là avait été fermée à clef. (...) En un mois, nous lisons tous les romans entassés pêle-mêle : Paul Bourget, Colette et Agatha Christie. Nous découvrons un album de photographies érotiques et, dans un enveloppe, des cartes portales d’Ouled-Naïls alourdies de bijoux, les seins nus. Autrefois la sévérité bougonne du frère nous inspirait une terreur quotidienne ; le voici redevenu étrangement présent, à ces heures opaques de la sieste. Nous refermons discrètement l’armoire, quand les femmes se relèvent pour la prière de l’après-midi. Nous nous imaginons surgir d’une région interdite ; nous nous sentons plus vieilles. (DJEBAR, 1985, p. 20-21)

⁴ « Les jeunes filles écrivaient ; écrivaient des lettres ; des lettres à des hommes ; à des hommes aux quatre coins du monde ; du monde arabe, naturellement. » (p. 21).



se com alguém que conheçam. Por isso, justificam o fato de se corresponderem por cartas, com homens “nos quatro cantos do mundo árabe” (DJEBAR, 1985, p. 24).

7. Les filles partagent le secret d'écrire des lettres à des hommes aux quatre coins du monde arabe. Ce fait est considéré un « péché », par la narratrice, parce que les femmes algériennes ne pouvaient pas écrire, ni envoyer des lettres, ni avoir de contact avec les hommes. Les sujets présents dans les lettres que les filles écrivaient étaient « sa vie de tous les jours, l'exiguïté de son espace ou ses rêves, des aventures peut-être qu'elle inventait, les lectures qu'elle faisait », mais cela c'est une hypothèse, parce que la personnage-narratrice ne les demandait pas ce qu'elles écrivaient. La « seconde » des filles n'écrivait pas parce qu'elle ne veut pas écrire à un inconnu, « or, elle préférerait attendre, coudre et broder, pour 'aimer' ensuite le fiancé attendu » (p. 23). Pour la benjamine, le mariage c'est pour être avec un connu, parce qu'elle dit que ne va jamais se laisser marier à un inconnu qui aurait le droit de la toucher, elle affirme que son mari « sera un inconnu pour mon père ou mon frère, certainement pas pour moi ! » (p. 24).

Figura 1: Resposta de um dos sujeitos da pesquisa, à pergunta: Qual é o segredo partilhado pelas meninas enclausuradas? Por que ele é considerado tão “terrível”?

No bloco g, encontramos outro fato que se caracteriza como uma transgressão. Enquanto todas as mulheres argelinas são orientadas a se dirigir aos seus maridos utilizando o correspondente árabe à terceira pessoa do singular (ele), a mãe da narradora-personagem, em uma atitude de resistência, designava o seu esposo pelos termos “meu marido” (DJEBAR, 1985, p. 55), ou ainda, pelo seu próprio nome, Tahar (que inclusive é o nome do pai da escritora Assia Djébar – DJEBAR, 1985, p. 55), fato incomum entre as mulheres argelinas.

Nesse mesmo bloco, o pai da narradora-personagem também realiza uma atitude de transgressão, caracterizada, no romance, como uma atitude de ousadia. Tahar realiza uma viagem e, do lugar de onde está, envia um cartão-postal para a esposa. Tal fato já causou estranheza nas pessoas: um homem, escrevendo para a sua esposa?! E, quando elucidamos o fato de que ele pôs, no remete, o nome de sua esposa, para as pessoas que souberam deste feito, ele foi considerado como uma vergonha pública (DJEBAR, 1985, p. 57), tendo em vista que, nessas situações, o ‘normal’ era

⁵ Tradução: As meninas partilham o segredo de escrever cartas à homens nos quatro cantos do mundo árabe. Esse fato é considerado um “pecado” pela narradora, porque as mulheres argelinas não podiam escrever, nem enviar cartas, nem ter contato com os homens. Os assuntos presentes nas cartas que elas escreviam eram “sua vida de todos os dias, a insuficiência do seu espaço ou dos seus sonhos, aventuras, quem sabe que ela inventava, as leituras que ela fazia”, mas isso é uma hipótese, porque o personagem-narrador não perguntava o que elas escreviam. A irmã “do meio” não escrevia porque ela não queria escrever a um desconhecido, “ora, ela preferia esperar, costurar e bordar, para ‘amar’ em seguida o noivo esperado” (p. 23). Para a caçula, o casamento deve ser com um conhecido, porque ela diz que não vai se deixar casar com um desconhecido que tenha o direito de tocá-la, ela afirma que seu marido “será um desconhecido para meu pai ou meu irmão, mas não para mim!” (p. 24).



que o homem, *caso fosse* enviar algo para a sua família, que colocasse no remetente: “À casa” e não o nome de sua esposa (DJEBAR, 1985, p. 57).

As duas últimas citadas atitudes de transgressão, realizadas pelos pais da narradora-personagem, caracterizam atitudes difíceis de terem sido tomadas, dado o contexto social e histórico do enredo. Dar um papel de destaque à mulher, deixar que ela leia um romance, escreva uma carta, ou, simplesmente, enviar, para ela, um cartão com o seu nome no remetente, eram atitudes de escândalo, que poderiam causar graves consequências para a mulher que se encontrasse em alguma dessas situações.

Considerações finais

Diante do exposto, situamos, pois, o romance *L'amour, la Fantasia*, de Assia Djébar, como um importante espaço de expressão dos desejos, sentimentos, sonhos, vontades, das revoltas e indignações da mulher. Tal como o homem tem direito de fazê-lo, assim asseguram as diretrizes dos Direitos Humanos, a mulher também o tem. Atualmente, sabe-se de casos graves em que a mulher deve ter uma postura de submissão com relação ao homem, portando-se como sua escrava, especialmente nas sociedades africanas. Pensamos, pois, não no sentido de que a mulher deva ser considerada como melhor que o homem; mas, sim, que ela seja vista como igual; igualdade de direitos e de deveres. Na prática, os direitos das mulheres africanas argelinas foram violados, tanto na época da invasão francesa, quanto no período Pós-colonial e, inclusive, hoje.

Assia Djébar viveu na pele o peso duplo da colonização, primeiro, pela colonização francesa em si e, segundo, pela marginalização conferida à mulher argelina. Através de sua vasta obra, Djébar realiza operações de resistência mediante uma ideologia preconceituosa, que minimiza o papel social da mulher e exalta a cultura do colonizador. Enfrenta, também, o conflito de lutar contra a cultura dominante do colonizador; mas, ao mesmo tempo, de ter de escrever na língua do colonizador. Língua que o seu pai lhe “deu” (DJEBAR, 1985, p. 12) e com a qual ela tem certa ligação afetiva; a língua francesa foi o que lhe permitiu ter a voz ecoada para além-fronteiras.

O presente romance oriundo de terras mediterrâneas, produzido por uma mulher argelina, foi escrito em uma tentativa de “respirar um novo oxigênio” (DJEBAR, 1985, p. 67), para ultrapassar tragédias e dar voz às mulheres enclausuradas da Argélia, cujas realidades não diferem tanto assim da atual realidade da mulher brasileira. Identificamos, pois, a escritora Assia Djébar, como porta-voz da mulher daquela africana magrebina, aferindo-lhe características como a de reveladora do



comportamento subalterno vivido pelas mulheres dessa região.

Destacamos, pois, a relevância de se trabalhar o letramento literário de resistência feminina e sugerimos, pois, que esse romance seja lido e discutido, dentro do contexto da formação inicial de professores de FLE, como uma forma de fomentar o pensamento crítico e a problematização dos discursos homogêneos que não cedem espaço às diferenças, trazendo à tona práticas de resistência da luta da mulher para conquistar a igualdade de gênero.

Referências

BRAHIMI, D. **Langue et littératures francophones**. Paris: Ellipses, 2001.

COSSON, R.; PAULINO, G. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ROSING, T. M. K.; ZILBERMAN, R. (Org.) **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009, p. 61-79.

DJEBAR, A. **L'amour, la fantasia**. Paris: Albin Michel, 1985.

ESPINOLA, C. V. **A mulher no Islã - Direitos Humanos, violência e gênero**. X Jornadas sobre Alternativas Religiosas em Latinoamérica, Tucumán, 2000. Disponível em: <<http://www.equiponaya.com.ar/religion/XJornadas/pdf/7/7-Espinola.PDF>>. Acesso em: 03/11/2015.

ROCCA, A. **Assia Djébar le corps invisible : voir sans être vue**. Dissertation Submitted to the Graduate Faculty of the Louisiana State University and Agricultural and Mechanical College in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy. Department of French. Faculty of the Louisiana State University. Louisiana, 2000, 266 f.

ROJO, R. Letramento(s) - Práticas de letramento em diferentes contextos. In: _____. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p. 95-121.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOARES, V. L. A situação linguística e a literatura de expressão francesa no Maghreb. **Revista Fragmentos**, ISSN 2175-7992, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. 1990.